

25-03-2025

# Agentes de endemias em defesa da saúde: trabalho sem veneno

**Ariane Leites Larentis**

[Pesquisadora. Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana/Ensp/Fiocruz]

*Projeto Integrador Multicêntrico:*

*Estudo do Impacto à Saúde de ACE/Guardas de Endemias*

Todos os dias, homens e mulheres percorrem as ruas e vielas das cidades do estado do Rio de Janeiro trabalhando para evitar a ocorrência de doenças endêmicas, como a dengue. Estão vinculados ao Ministério da Saúde (Funasa-Fundação Nacional de Saúde) e são chamados Agentes de Combate às Endemias ou Guardas de Endemias (ACE). Trabalham para garantir a saúde da população, às custas de muito adoecimento. Ao notar, a cada ano, dois ou três colegas mortos, em geral com menos de 60 anos; vários casos de câncer e doenças circulatórias; a cada dez agentes, pelo menos cinco já tinham se intoxicado depois de alguma aplicação; muitos tinham sofrimento psíquico, depressão ou ideação suicida... pensaram que isso não podia ser “natural”. Esses agentes de endemias decidiram agir em sua própria defesa e em defesa da população. Ao começarem a se mover para defender sua saúde e sua vida, os trabalhadores se perguntavam: de onde vêm nossos problemas de saúde? Por que tanto veneno? Será que esse é o único jeito de controlar os mosquitos? Se faz mal pra nós tanto veneno, será que não faz também para o meio ambiente e para a população em geral? Foram parar no Hospital Universitário Clementino Fraga Filho/Universidade Federal do Rio de Janeiro, e depois no Cesteh/Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz. Ali surgiram algumas respostas e ainda mais perguntas. E, também, a necessidade de desenvolver ações para eliminar ou, ao menos, diminuir os riscos e estudar para saber qual impacto na vida dos trabalhadores. E foram aos estudos: pesquisadores com agentes de endemias, com médicos, enfermeiros, assistentes sociais, trabalhadores com trabalhadores, em movimento nos sindicatos e laboratórios, buscando parcerias com diferentes instituições, como Instituto Nacional do Câncer e Universidade Federal do Rio de Janeiro, em luta na justiça, em audiências públicas... Construíram conjuntamente o “Projeto Integrador Multicêntrico: Estudo do Impacto à Saúde de Agente de Combate às Endemias/Guardas de Endemias”, por meio do qual foram realizadas várias análises. E o que disseram essas análises?

*Os trabalhadores estão muito adoecidos, muito acima da média de adoecimento da população em geral. E essas doenças não foram contraídas em casa nem nos momentos de lazer: foi no trabalho.*

Na pesquisa com mais de 600 trabalhadores, quase metade dos agentes (48%) informaram não ter acesso aos EPIs (Equipamentos de Proteção

Individuais), de distribuição obrigatória por parte do governo. *Quase 50% não têm acesso a EPIs.* Do total pesquisado, apresentaram doenças cardiovasculares e hipertensão (46%); doenças respiratórias (19%); diabetes (18%); e *quase 50% não têm acesso a EPIs.* Depressão (14%); doenças hepáticas/renais (14%); doenças hormonais (12%); tremor essencial (9%); doenças imunológicas (7%); câncer (2%). *E quase 50% não têm acesso a EPIs.* Dos 614 trabalhadores que responderam ao questionário, 127 tiveram amostras coletadas para avaliação de biomarcadores nos laboratórios parceiros, em que se realizou análises: clínicas (2.413); toxicológicas (3.937); genotoxicidade, citotoxicidade e imunotoxicidade (455); e avaliações de padrões de sono (77). Foi detectado, em 52%, resíduos dos organoclorados DDT [*Dicloro-Difenil-Tricloroetano*] e HCH [*hexaclorociclohexano*] e os níveis de acetilcolinesterase estavam abaixo do valor de referência em 35% dos ACE. As análises imunotoxicológicas sugeriram alterações na resposta imunológica desses trabalhadores, além de alterações no material genético e no sistema imune. Diante desse quadro de adoecimento em decorrência do uso de agrotóxicos, a segunda pergunta veio logo: por que tanto veneno? E a resposta: Há muitas décadas, a política de combate às doenças endêmicas no país está focada na utilização de agrotóxicos para eliminação de vetores. Mesmo que haja outras formas de lidar com as endemias, como prevenir a proliferação ou montar armadilhas que os próprios ACE conhecem e podem ensinar a população como fazer, o carro-chefe da estratégia ainda é baseada em veneno. O Brasil aceita agrotóxicos que a maioria dos países ditos desenvolvidos não aceitam. Por acaso alguns povos são mais possíveis de se envenenar que outros? Pois parece que a indústria precisava vender agrotóxicos do grupo dos organofosforados, encontrou um governo disposto a comprar e um judiciário disposto a fazer qualquer ajuste necessário à lei para que eles pudessem ser vendidos aqui. O pior é que essa quantidade de veneno que prejudica os trabalhadores, a população e o meio ambiente nem mesmo tem sido eficiente, pois o mosquito, por exemplo, se torna resistente a diversos agrotóxicos. Essa estratégia não acaba com o vetor e ainda exige uma troca constante de venenos, causando uma bola de neve de novos venenos e novas ondas das mesmas doenças. Em busca de saúde, trabalhadores e pesquisadores concluíram que é preciso acompanhar periodicamente os efeitos dos agrotóxicos na saúde (inclusive mental) desses trabalhadores, e garantir-lhes assistência. Isso já é alguma coisa, para quem nem sabia o porquê de tantas mortes e adoecimento entre os colegas de trabalho.

*Agir no efeito é insuficiente. Sabendo que não existe exposição segura para produtos cancerígenos, o programa de combate às endemias no país deve deixar de ser centrado no uso de agrotóxicos, passando enfim a promover mais saúde que doenças.*

\*\*\*

Agradecimentos: aos ACE que constroem conosco esse projeto, com homenagem às vidas perdidas pelo trabalho com veneno; aos pesquisadores e alunos das diversas instituições que participam e apoiam o projeto; à Golondrina Ferreira pela parceria nesse texto.

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical.*

*A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*